

A REALIDADE ECONÔMICA DE UMA CATEGORIA INFORMAL: “CHAPAS”

Josiana dos Santos Barbosa, Vítor Ferreira Cesar

Roselaine Rafael, Carlos Cezar Mascarenhas.

Bacharelado em Administração / Faculdade de São José dos Campos - Bilac,

São José dos Campos/São Paulo.

E-mail: josianasantosbarbosa@gmail.com; vitorfcontato@yahoo.com.br;

roselaine.rafael@etep.edu.br; carlos.mascarenhas@etep.edu.br

Resumo: Este artigo tem por finalidade, contribuir com o mercado brasileiro, evidenciando a importância dessa classe informal desfavorecida, os “CHAPAS”, tal como expressar de forma específica sua economia, discriminando assim, a sua forma de sobrevivência. O objetivo dessa pesquisa é relatar as condições que permeiam e determinam a relação econômica de trabalho dos indivíduos comumente denominados “chapas”. Esses trabalhadores, cujas atividades são carga e descarga, e fornecimento de informações aos caminhoneiros. De certa forma são agentes econômicos que, apesar da incerteza da seguridade social, na sua maioria, gostam do que fazem, são pessoas independentes, que encontraram na informalidade, alternativas para soluções de suas necessidades básicas. Buscou-se compreender sua posição diante as economias que envolvem esse setor ao trabalho informal.

Palavras Chave: Chapas. Economia. Informalidade.

INTRODUÇÃO

Compreender as atividades de trabalho do “chapa” é uma boa introdução ao que será discutido. O trabalho do chapa pode ser resumido em duas palavras – informar e auxiliar de carga. Carregar e descarregar caminhões, informar e orientar rotas, entre outras, aos motoristas, isso descreve a função dos trabalhadores conhecidos como “chapas”, que se fazem presentes na totalidade do território brasileiro. Para

caracterizar os “chapas”, é preciso compreender o modo como eles estão inseridos na realidade socioeconômico do local.

Ao investigarmos a informalidade através da auto-ocupação, Hirata e Machado (2007, pg. 3), concluem que os indivíduos, independente do sexo, podem entrar no mercado informal pelo histórico familiar, pela busca de uma jornada de trabalho flexível, pelo controle do seu próprio negócio, assim como pela oportunidade de ganhos superiores àqueles dos empregos assalariados de média e baixa qualificação. Mas, podem entrar na informalidade também por uma estratégia de sobrevivência, ou seja, uma alternativa à falta de melhores oportunidades de emprego. Nesta ultima situação, os indivíduos recorrem à informalidade como forma de aliviar ou evitar a pobreza, desconsiderando as características não pecuniárias da posição, exercendo muitas vezes, trabalhos de baixa produtividade.

Este artigo tem como objetivo, compreender a realidade do ambiente social e econômico da atividade informal “chapas”, com foco nos agentes econômicos dos mesmos, tendo em vista identificar características e tendências do setor. Segundo Kotler et al (1999), a pesquisa de marketing representa o planejamento, a coleta, a análise e a apresentação sistemática dos dados e descobertas relevantes sobre uma situação específica de marketing enfrentada por uma empresa. Onde, esse modelo foi adotado para a presente pesquisa.

Existem diversos tipos de economias no Brasil, no entanto, será apresentada de forma detalhada a realidade social e econômica dos “chapas”.

Prahalad (2005, pg. 21) profetizou que “quatro bilhões de pobres poderão ser a força motriz da próxima etapa global de prosperidade econômica”, sugerindo inclusive que as empresas deixassem de “pensar nos pobres como vítimas ou como um fardo e começar a reconhecê-los como empreendedores incansáveis e criativos”. Portanto, o propósito deste artigo é apresentar os “chapas” como constituinte no mercado e demonstrar o seu potencial econômico, em uma área do comércio pouco explorada.

1 CARACTERIZAÇÃO DOS “CHAPAS”

Os “chapas” são trabalhadores braçais, profissionais avulsos, que têm como seu papel, a luta pela ocupação, fonte de renda, e de sobrevivência, que podem ser encontrados na maioria das rodovias das cidades brasileiras, sejam elas em grandes centros como São Paulo, ou em toda sua região metropolitana. Homens que se destinam na beira das estradas, a cada dia, oferecendo sua mão-de-obra ou à disposição de múltiplos tomadores de serviços, como permanecendo às portas de fábricas, à espera por serem chamados pelos caminhoneiros.

Os caminhoneiros geralmente procuram sempre os mesmos “chapas”, na garantia de pegar alguém que aguente o serviço. A necessidade do caminhoneiro de sempre pegar o(s) mesmo(s) “chapa(s)” está embasada no medo da violência que eles; caminhoneiros; estão expostos. (MEZGRAVIS, 2005, pg. 4).

Para assimilar a atividade dos “chapas”, é necessário identificar várias vertentes desta profissão ainda não reconhecida na forma da lei, sendo esta a CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas. Tem início às beiras das rodovias e estradas com fluxo de transporte de carga, com o objetivo de chamar a atenção de caminhões, eles usam pequenas placas escritas à mão, cujo nome é “CHAPA”, além disso, durante a noite e madrugada há uma pequena fogueira que os aquece, servindo de iluminação e identificação.

São trabalhadores “marginais” ao mercado, que se distinguem por não serem assalariados, registrados, mas fazem parte do conjunto da sociedade global, sendo assim, tendem a funcionar como sua parte integrante, o que, de certa forma, se mostram necessários à acumulação capitalista.

Kowarick (1977, pg. 21) conceitua a marginalidade com inicio na problemática do trabalho, inserida em relações ligadas aos processos e estruturas que lhes dão especificidade e estão na origem das relações sociais.

Os “chapas” são extremamente vinculados aos lugares, aos quais pertencem, suas principais ferramentas de atividade laboral são: seus conhecimentos das estradas e força braçal. É um trabalhador urbano que não tem acesso a vínculos trabalhistas, e é uma prática muito comum nas estradas brasileiras de grande circulação de cargas transportadas. A profissão não é regulamentada pelos órgãos trabalhistas competentes. A falta de emprego e as exigências no mercado de trabalho são evidentes, o que agrava ainda mais sua condição informal, o que faz serem vistos pela sociedade local como “indigentes”.

A atividade desenvolvida pelo “chapa” não é de subordinado e sim eventual e impessoal, não se enquadrando no reconhecimento de vínculo empregatício. Os “chapas” são livres, fazem o seu horário, geralmente realizam suas atividades de segunda a sábado, esses são os dias em que têm o maior fluxo de caminhões nas estradas. Em algumas cidades, por razão às leis de rodagem, os “chapas” também trabalham a noite, como em São Paulo, que apresenta horários determinados para que os caminhões possam circular. Os riscos acompanham os “chapas” diariamente; o temor enfrentado por eles são as cargas roubadas.

Se a gente está descarregando uma carga e chega à polícia, não querem nem saber, é preso na hora como ladrão, eu não tenho estudo, já estou numa idade que se sabe. Ninguém mais chama para trabalhar, eu distribuo currículo por ai, e enquanto não sou chamado vou fazendo esse *bico* (sic) aqui (Entrevistado, 54, Chapa).

É um risco que não tem como prever, estão apenas com a pretensão de serviço para garantir seu sustento e de sua família, onde muitos estão nessa situação por não possuir estudo, ter idade avançada, não conseguir emprego registrado ou para fugir da vida do crime. A discriminação também é um dos fatores que os “chapas” enfrentam, são vistos pela sociedade como, “ladrões”, ou “coitados”. Como diz um entrevistado, [...] “as pessoas tem medo da gente, acha que a gente é ladrão, e que vamos roubar elas, ninguém nem chega perto.” (Entrevistado, 44 - chapa).

Em síntese, para aqueles que estão fora do mercado de trabalho é mais um “bico”, seja por falta de qualificação profissional, estar aposentado e suprir sua renda ou por outros motivos. Com trajes simples, são homens resistentes à chuva e ao sol, esses

são os conhecidos homens que ficam à beira das estradas em busca de um caminhoneiro que possa precisar dos seus serviços e garantir o sustento daquele dia.

2 A RELIDADE ECONÔMICA DOS “CHAPAS”

Para entender essa realidade, é necessário observar que existem diferentes maneiras de atuar, como já citado anteriormente, sua região geográfica, ou seja, quanto maior a cidade, maior é o ganho financeiro. Porém, mediante pesquisa de campo, foi possível observar que independente do ganho mensal, a maioria deles possui uma vida econômica desregrada, logo, consumindo em conformidade com o que recebe. Isso parte de um conjunto de circunstâncias culturais, que os influencia a agir como tal: de forma irresponsável, seja pelo seu limitado nível de escolaridade ou pela discriminação sofrida de todas as partes da sociedade, que acaba levando-os a uma vida “momentânea”, sem pensar num futuro próximo.

A partir da pesquisa de campo, notou-se que os “chapas” possuem três maneiras de exercer seu trabalho, e cada uma delas com rendimento diferenciado, divididos em modais. O modo mais comum é exercido pelos “chapas” que ficam nas margens de rodovias diariamente. Este primeiro modal fatura menos.

O segundo é desenvolvido por aqueles que ficam em zonas industriais, em portaria de empresas com grande movimentação de carga. Nesse caso, se fatura três vezes mais do que o primeiro, devido ao volume elevado de cargas e ao número reduzido de “chapas” no mesmo.

O terceiro modal trata de alguns “chapas” que visam lucro maior, fechando parcerias com grandes mercados de varejo ou empresas que necessitam dos seus serviços, onde “contratam” seus companheiros de serviço, para descarregar as cargas, no formato de terceirizada. No entanto alguns agem de má fé, pois não registram os companheiros, deixando-os sem direitos.

Na pesquisa foi observado que alguns “chapas” preferem este estilo de vida por não ter vínculo com nenhuma empresa, com isso fazem seu horário, no qual quanto mais trabalham, mais ganham. Pôde-se constatar, de acordo com a pesquisa, que 80%

reside em casas alugadas, 10% em casas cedidas e apenas 10% possuem casa própria. Em sua maioria, com idade superior a quarenta anos, conjugalmente separados, morando em média com três pessoas na mesma residência, alguns possuem plano de saúde. Todos os “chapas” possuem celulares, o qual é o principal meio de comunicação entre eles e os caminhoneiros, sendo indispensáveis para conseguir trabalho atualmente. Phahalad confirma esse pensamento, ao defender que;

para os consumidores da BP, obter acesso à tecnologia moderna e a bons produtos que supram as suas necessidades são enormes passos na busca de melhoria de vida (PRAHALAD, 2005, pg.107).

Atualmente, devido à periculosidade de assaltos às grandes cargas, caminhoneiros preferem contratar sempre os mesmos “chapas”, agendando o ponto de encontro, dia e horário do serviço.

Para gente, tendo celular, aumenta a chance de serviço, porque o caminhoneiro já liga e já marca com a gente antes, é melhor assim (Entrevistado, 44 – chapa).

Com a tecnologia a seu favor, e seguindo as mudanças do mercado, os “chapas” conseguem adquirir mais serviços, aumentando sua renda, e consequentemente, melhorando o sustento de sua família, criando um poder aquisitivo variável. Os “chapas” em média, possuem três filhos cada, levando com que seu ganho monetário seja dividido, e sua renda per capita domiciliar reduzida. Não são fumantes, moram na cidade em que trabalham e não costumam morar em cidades afastadas da região em que exercem suas atividades.

Como consumidores, os “chapas” preferem realizar pequenas compras, levando apenas o necessário para suprir o que ele necessita de imediato. Como componentes da base da pirâmide, a maioria dos referidos não possuem conta em banco e não utilizam cartão de crédito, efetuando assim compras com o pagamento à vista.

A pobreza continua sendo um dos problemas mais urgentes que a humanidade enfrenta. Em muitas sociedades, a distribuição da renda assume a forma de uma pirâmide, e não de um losango, com enorme

número de pobres em sua base. Entretanto, como observaram Prahalad e outros, há riquezas na base da pirâmide (KOTLER et al, 2010, pág.170).

Em suma, seguindo o ganho diário, os trabalhadores vão se reestruturando, em busca de uma vida econômica positiva.

3 DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA INFORMAL

Conforme a OIT (2002; 2012 pg. 9) – Organização Internacional do Trabalho – designar a dimensão da economia informal e documentar as tendências deste mercado, não é tarefa fácil. Ainda não se chegou a um acordo na literatura sobre a definição de informalidade. No entanto, existe um consenso que o mundo do trabalho em todos os países em desenvolvimento caracteriza-se por uma elevada prevalência de informalidade, se definida pela ausência de registro de empresas, cobertura de segurança social ou de um contrato de trabalho formal.

A expressão “economia informal” refere-se a todas as atividades econômicas de trabalhadores e unidades econômicas que não são abrangidas, em virtude da legislação ou da prática, por disposições formais (OIT, 2005, pg. 7).

A informalidade no comércio surge como uma estratégia de sobrevivência dos pobres por necessidade. É uma das maiores influências de desequilíbrio do mercado.

Marx (1998) diz que à acumulação capitalista, ao mesmo tempo em que multiplica, concentra e centraliza as riquezas num processo cíclico de reprodução, substituindo capital variável por constante, gerando uma superpopulação relativa. Vê-se que, parte dos trabalhadores da economia informal não se beneficia de proteção social, logo, os mesmos estão vulneráveis a vários riscos e circunstâncias prejudiciais.

A expansão da informalidade, muitas vezes, é devido aos resultados de medidas macroeconômicas que não foram implantadas conforme planejado, bem como decorre de políticas sociais ineficazes e sem estrutura, a falta de confiança nos procedimentos administrativos, deixando de garantir o enfoque nas reestruturações econômicas e no emprego da população, abandonando a proteção de uma boa

condição para a classe. Apesar dos esforços dos poderes públicos, e legislar os informais, o comércio “informal” ainda resiste, pois criam automaticamente o autoemprego, ocultando assim os sinais mais ásperos da mesma, além de pacificar as eventuais revoltas e manifestações.

Pharalad (2005, pg. 4) considera a percepção de que a base da pirâmide não é um mercado viável. Também é equivocado por não valorizar a crescente importância da economia informal, que em algumas estimativas corresponde entre 40 e 60% de toda atividade econômica nos países em desenvolvimento.

Rodrigues e Barbieri (2008) afirmam que a pirâmide é um formato usual para representar uma sociedade dividida em classes sociais, na qual a pequena parcela na cúpula detém parte da riqueza e renda, enquanto a maioria está situada na base. Assim, ao dizer base da pirâmide, referem-se à maioria da população que em termos gerais é a menos favorecida do ponto de vista econômico e social.

Assim, no momento contemporâneo, tendo em vista as transformações estruturais na produção e nas instituições que estão se manifestando no âmbito global, nas regiões e localidades, o processo de informalidade deve ser associado às diferentes as formas de inserção no trabalho que originam dos processos de reformulação das economias mundial, nacional e locais. Essas formas sejam elas novas, recriadas ou ampliadas, devem ser tipificadas, de tal forma a constituírem em si mesmas categorias de análise, embora o exame sobre seu comportamento e evolução deva ser sempre referenciado no desenvolvimento econômico, social e político em andamento (CACCIAMALI, 2000, pg. 21).

A sobrevivência destas economias assenta, em alguns casos, em relações familiares ou de proximidade e em laços de solidariedade e de cooperação (Piepoli, 2006) e, em outras situações, em circuitos nem sempre transparentes. O inchaço do setor de comércio e serviços foi atribuído ao crescimento das atividades que compõe a economia informal, tanto para homens como para mulheres e adolescentes em atividades precárias.

A atividade de “chapas” é um bom exemplo do destino de boa parte dos trabalhadores do setor formal, que perderam seus empregos e não conseguiram outro, nem mesmo em atividades menos rentáveis (Soares, 2001).

Em suma, o desenvolvimento da riqueza é limitado pelo tipo de atividade exercida, as relações sociais estabelecidas se baseiam na confiança, são pouco ou nada profissionalizadas, e as regras não são normalizadas. Está em crescimento o processo de informalidade, “(...) não apenas como forma de subemprego disfarçado, mas como a tendência central do mundo do trabalho” (Oliveira, et al, 2000, pg. 13).

Observa-se assim que o mercado informal tornou-se uma alternativa de sobrevivência e complemento de renda para aqueles que têm dificuldade em se inserir na formalidade, seja por causa das habilidades, idade, sexo, condições físicas ou pela redução de gastos das empresas.

4 MÉTODO DE PESQUISA

A presente pesquisa se caracteriza como bibliográfica, descritiva, exploratória, de múltipla escolha escala e dicotômica, com levantamento de dados, conforme Malhotra (2006, pg.102). Uma pesquisa exploratória para obter dados do perfil econômico, social e comportamental.

A pesquisa foi realizada de 07 a 14 de novembro de 2014. O ambiente investigado ocorreu nas cidades de São José dos Campos, Jacareí e Caçapava, na Rodovia Presidente Dutra, sentido Rio de Janeiro / São Paulo e São Paulo / Rio de Janeiro, a amostra foi composta por 10 “chapas” entrevistados que atuam na região.

Para garantir a investigação do tema, foi abordado o público alvo, através de um questionário misto (aberto e fechado), com perguntas quantitativas e qualitativas para entender e direcionar a análise de campo, onde foram coletados dados pertinentes através de formulário, e não houve obrigatoriedade de identificação por parte dos entrevistados, facilitando assim a veracidade dos mesmos. Foi aplicado teste de formulário de pesquisa com amostra de 5% dos entrevistados para os devidos ajustes.

Os dados foram tabulados gerando gráficos informacionais. Com os resultados apurados, foi possível analisar as causas e efeitos do tema, entendendo qual o

volume de recursos movimentado nesse mercado, obedecendo aos preceitos da pesquisa casual.

4.1 CONCEPÇÃO E MODELO DO QUESTIONÁRIO

Para inteirar o objetivo deste artigo, foi realizada pesquisa quantitativa, que para Pinheiro (2004, pg. 89) “um estudo estatístico que destina a descrever as características de uma determinada situação mercadológica, medindo numericamente as hipóteses levantadas a respeito de um problema de pesquisa”.

McDaniel e Gates (2003), diz que a principal característica da pesquisa qualitativa é o uso de perguntas abertas, sem opções de respostas pré-determinadas, justamente o fato que enriquece o leque de respostas captadas dos entrevistados. Este também método foi utilizado a fim de progredir na elaboração da presente pesquisa.

Em Malhotra (2006, pg. 101e 102) o principal objetivo da pesquisa descritiva é expor características ou funções de mercado, marcada pela formulação prévia de hipóteses específicas. No mesmo, o autor se refere à pesquisa exploratória como, descobrir ideias e percepções, tendo como características, flexibilidade, versatilidade, entre outras.

Ainda em Malhotra (2006, pg. 182 e 183) a pesquisa descritiva visa identificar a forma de levantamentos de elementos em duas condições:

- 1) Coleta estruturada de dados;
- 2) Pergunta de alternativa fixa.

5 DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

A pesquisa foi realizada com a aplicação de um questionário, já citado no item 5, explorando três aspectos de fundamental importância para o entendimento do desenvolvimento e sobrevivência do “chapa” nas cidades.

1º aspecto explorado foi o correspondente às características pessoais e relação de família, no qual se procurou saber: gênero, idade, estado civil, nº de filhos, escolaridade, pessoas residentes na residência.

2º aspecto trata das condições de moradia, no qual se buscou saber: situação da residência (própria, alugada ou outros), região geográfica da cidade onde a residência está e a origem da pessoa.

Por fim o 3º e último aspecto, evidencia suas condições de atividade laboral, como também a saúde financeira do mesmo, teve-se o interesse de pesquisar se aquele indivíduo sempre trabalhou como “CHAPA”, se negativo, quais os motivos que o levaram ao trabalho informal; qual o tipo de função que desenvolvem; a perspectiva do mesmo em relação à atividade exercida, e quais seus pontos positivos e negativos nesta profissão.

A partir da pesquisa de campo, foi evidenciado que essa categoria laboral informal, contribui com o desenvolvimento do país, ou seja, com a aplicação e análise dos resultados da pesquisa exploratória, além do modo de consumo e características sociais e econômicas dessa classe de trabalhadores.

5.1 RESULTADOS DA PESQUISA QUALITATIVA

De acordo com o apurado na pesquisa qualitativa, serão apresentadas a seguir, as principais respostas dos entrevistados “chapas”, no período supracitado no item 6 deste.

Pergunta 01 - Qual é a função do “chapa”?

Fazer o serviço certo. Levar no lugar, agora acabou, por que os caras colocaram GPS (Entrevistado 03, 44, Chapa).

A função do chapa é conhecer bem a cidade, em volta, coordenar certinho, para o caminhoneiro chegar ao local da descarga (Entrevistado 05, 67, Chapa).

Carga e descarga. Só que é mais descarga do que carga (Entrevistado 09, 41, Chapa).

Pergunta 02 - Qual é o maior risco da sua profissão?

O risco é que às vezes viaja de uma cidade para outra, e essa rodovia é perigosa (Entrevistado 01, 60, Chapa).

Tudo. Tem que tomar cuidado. Acidente de serviço (Entrevistado 03, 44, Chapa).

O maior risco é se a gente está descarregando uma carga e chega à polícia, não querem nem saber, é preso na hora como ladrão, eu não tenho estudo, já estou numa idade que se sabe? Ninguém mais chama pra trabalhar, eu distribuo currículo por aí, e enquanto não sou chamado vou fazendo esse "bico" aqui. Mas graças a Deus nunca peguei (Entrevistado 04, 53, Chapa).

O maior risco, você sabe, o perigo está a qualquer momento, esse trabalho de "chapa" é um trabalho perigoso, você se machuca. Aí da distensão, fazer força (Entrevistado 05, 67, Chapa).

Risco? É ter serviço e não pode trabalhar por causa da idade ninguém pega (Entrevistado 07, 62, Chapa).

O maior risco, é na verdade é você não se cuidar, na verdade quase todas as cargas que a gente pega aqui é arriscada, principalmente essas cargas mais pesadas, cargas de piso (Entrevistado 09, 41, Chapa).

Pergunta 03 - Qual a maior dificuldade da sua profissão?

Descer escada, subir escada (Entrevistado 02, 46, Chapa).

É isso aí, andar na via Dutra (Entrevistado 08, 67, Chapa).

Dificuldade é você pegar assim um serviço e nunca ter trabalhado com aquilo ali (Entrevistado 09, 41, Chapa).

Hoje em dia está ruim para arrumar serviço mesmo (Entrevistado 10, 45, Chapa).

Pergunta 04 - Qual é a melhor parte do seu trabalho?

É de achar serviço para trabalhar direto (Entrevistado 01, 60, Chapa).

Quando é produto leve, madeira (Entrevistado 04, 53, Chapa).

A melhor parte é pegar o caminhão e só levar lá na empresa, ai não precisa descarregar, ganha uma “mixaria” e já volta a trabalhar de novo (Entrevistado 05, 67, Chapa).

É o guia, você está guiando só, você não está trabalhando (Entrevistado 06, 61, Chapa).

Foi bom, agora não tem não (Entrevistado 07, 62, Chapa).

Raramente, é tudo igual, tem bom e tem ruim (Entrevistado 08, 67, Chapa).

Tem uns cara aí que pensa diferente, mas pra mim a melhor parte é você não ter chefe, você não ter patrão (Entrevistado 09, 41, Chapa).

A hora de receber (Entrevistado 10, 45, Chapa).

Pergunta 05 - O que levou você a trabalhar como “chapa”?

Eu mesmo procurei tudo o que eu tenho, eu mesmo que procura por ele (Entrevistado 01, 60, Chapa).

Ah serviço de “chapa”, onde você vai arrumar serviço fichado? Se vai ganhar R\$800,00? Logo vou arrumar um serviço, porque aqui não está dando mais não (Entrevistado 03, 44, Chapa).

É que o cara chega a uma idade aí, entrega currículo para todo o lado, ninguém chama você vai ficar em casa “chupando” dedo, não pode, aí tem que vir aqui (Entrevistado 04, 53, Chapa).

O que me faz trabalhar como “chapa”, é que antes de ser “chapa”, eu trabalhava de pedreiro aqui em São José, pedreiro profissional, mas eu vim trabalhar de “chapa” por causa da vista, eu fiz tratamento e enxergo bem, mas eu tenho um olho só, e como pedreiro não da pra trabalhar com um olho só (Entrevistado 05, 67, Chapa).

Falta de emprego (Entrevistado 06, 61, Chapa).

Por que a firma não pega (Entrevistado 07, 62, Chapa).

Sei lá, teve uma época que tava ruim de serviço por aí, aí eu vim pra cá com um colega meu (Entrevistado 08, 67, Chapa).

É o seguinte, eu estava estudando, terminei o segundo grau, o meu pensamento, era de quase todo jovem, quando eu terminar a escola eu vou me aperfeiçoar e melhorar o meu currículo, queria fazer um SENAI, aí fui trabalhar em uma firma, fui demitido, peguei o dinheiro ia fazer um curso no SENAI, aí meu pai fez umas cagadas (sic), e tive que ajudar ele a comprar um carro fazer a documentação, depois disso ele bateu o carro, perdeu tudo, e hoje e está aí sossegado aposentado dele e eu aqui (Entrevistado 09, 41, Chapa).

Pergunta 06 - Você cobra por serviço ou por diária?

Por viagem (por serviço) (Entrevistado 01, 60, Chapa).

É por serviço mesmo (Entrevistado 02, 46, Chapa).

Cobro à diária (Entrevistado 03, 44, Chapa).

Aqui é todo mundo por serviço (Entrevistado 04, 53, Chapa).

Depende. Por serviço, por diário não tem como (Entrevistado 07, 62, Chapa).

Depende do peso da quantidade, normalmente é pela carga (Entrevistado 10, 45, Chapa).

Pergunta 07 - Qual é o meio de identificação para com os caminhoneiros?

São as placas (Entrevistado 02, 46, Chapa).

Telefone, placa (Entrevistado 03, 44, Chapa).

Fiz uns fregueses, e um vai passando para outro, e eles conhecem a gente e um vai passando para um e vai passando para outro (Entrevistado 09, 41, Chapa).

Com aquelas placas ali que a gente deixa pendurado (Entrevistado 10, 45, Chapa).

Pergunta 08 - Aos seus olhos, como a sociedade o enxerga?

Tem discriminação sim (Entrevistado 01, 60, Chapa).

Não tem preconceito nenhum (Entrevistado 02, 46, Chapa).

Quando eles não estão com os amigos deles até trata a gente bem (Entrevistado 03, 44, Chapa).

Tem uns que tem medo cara, por causa de muito assalto aí, tem uns que já conhecem a pessoa, para mais aqui os conhecidos (Entrevistado 04, 53, Chapa).

Ah, eu acho que tem sim, tem muitos que enxergam o “chapa”, a ele não é nada, que ele é um *pingaiada* (sic) e não é bem por aí não (Entrevistado 05, 67, Chapa).

Ah tem discriminação e muito, na verdade o “chapa” para população de fora acha que você é mendigo, ladrão, e é uma profissão tão mal (Entrevistado 06, 61, Chapa).

Não, tem tudo (Entrevistado 07, 62, Chapa).

O “chapa” infelizmente, hoje, de algum tempo já, é visto como um vagabundo. Estou aqui, minha bolsa está ali, porque tem que trocar de roupa, ai vem um cara estranho, fala assim, o rapaz esta aí, boa coisa não deve ser o Brasil é um país que discrimina você (Entrevistado 09, 41, Chapa).

Tem muita gente que tem medo de nós, tem preconceito (Entrevistado 10, 45, Chapa).

Pergunta 09 - Para você, o que é ser “chapa”?

É para passar o tempo, passar o tempo. Pelo menos distrai um pouco (Entrevistado 01, 60, Chapa).

Trabalhar, ficar parado ou roubando não dá (Entrevistado 02, 46, Chapa).

É ser trabalhador sem ganhar dinheiro (Entrevistado 03, 44, Chapa).

É ter que trabalhar muito (Entrevistado 04, 53, Chapa).

É uma delícia (risos), realmente é bom, porque você trabalha de “chapa”, você não tem chefe, você ganha bem, ou melhor, ganhava bem, agora não ganha mais. Aqui esse serviço aqui, é um quebra galho, mas em vista em muito serviço que você tem por ai aqui é razoável (Entrevistado 06, 61, Chapa).

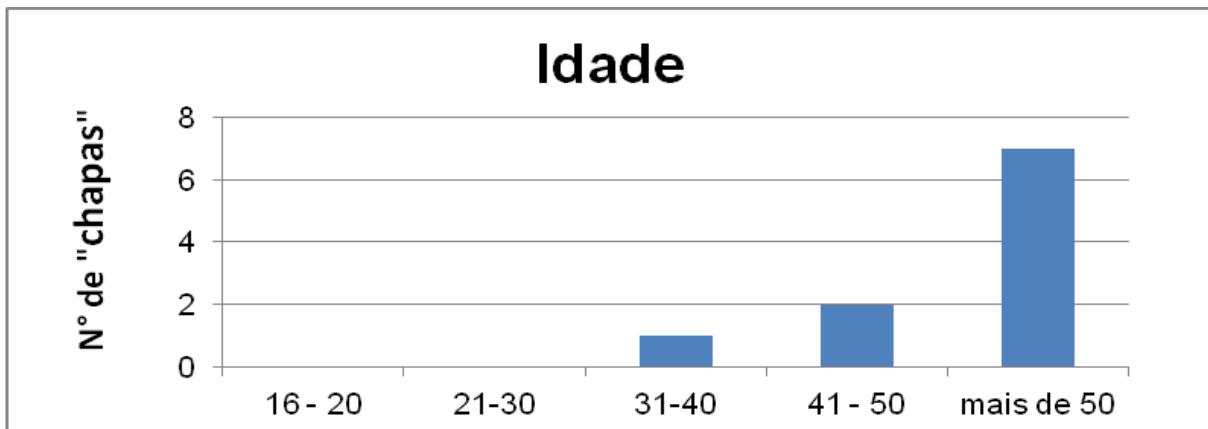
Ruim (Entrevistado 07, 62, Chapa).

5.2 RESULTADOS DA PESQUISA QUANTITATIVA

De acordo com o apurado na pesquisa quantitativa, são apresentados os comentários gerais do item 6 desta pesquisa.

Conforme figura 1, há uma predominância no que diz respeito à faixa etária, onde os acima de 50 anos representam percentuais significantes, e se percebe a não aceitação do público idoso no mercado formal, entre outros fatores.

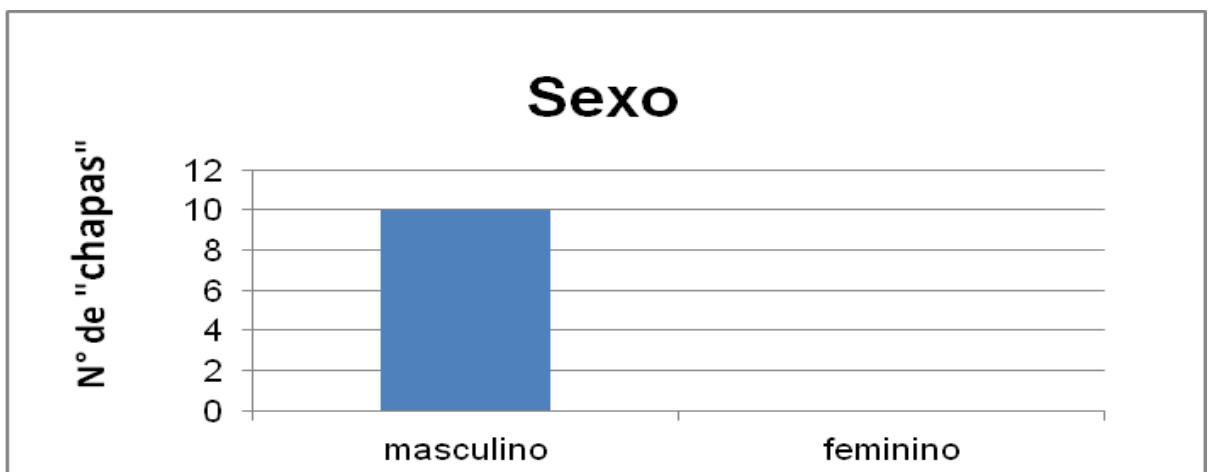
Figura 1 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

No que diz respeito ao sexo, foi identificado que os homens predominam neste mercado. Assim, pode-se tirar algumas conclusões com relação a esta forte concentração masculina no trabalho informal, como, as responsabilidades familiares, a necessidade de gerar renda, entre outros. Esta taxa relativa de participação mostra o perfil da força de trabalho informal da região, como indica a figura 2.

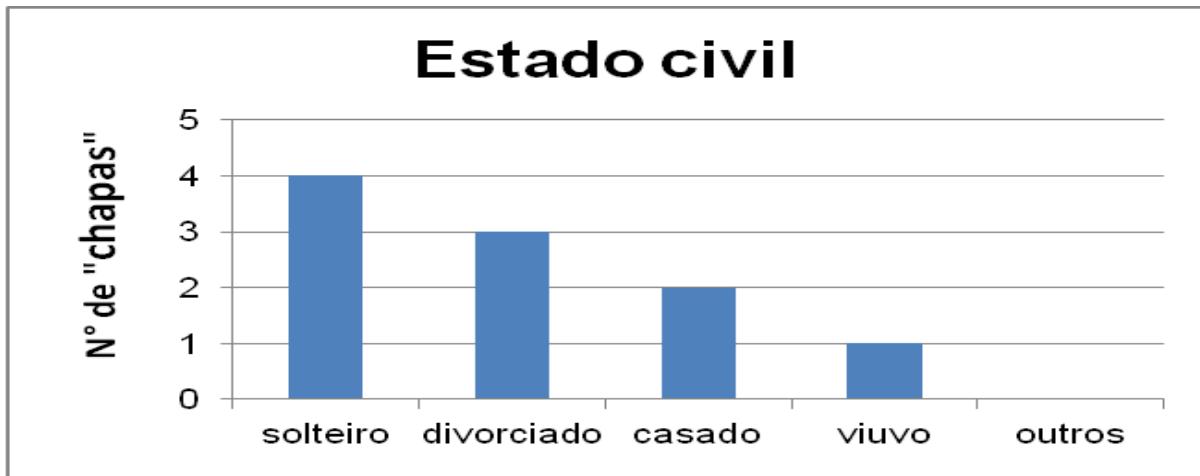
Figura 2 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

A pesquisa procurou se inteirar sobre a situação civil do trabalhador, na qual foi identificado, como é exposto na figura 3, que em se tratando de solteiros o percentual é de 40% dos entrevistados, um número alto comparado aos casados que foram 20%, divorciados 30% e viúvos, com apenas 10%.

Figura 3 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Como demonstrado na figura 4, de cada 10 trabalhadores, 6 residem em São José dos Campos e outros nas cidades de Jacareí, Caçapava e Taubaté.

Figura 4 – Resultado da pesquisa.

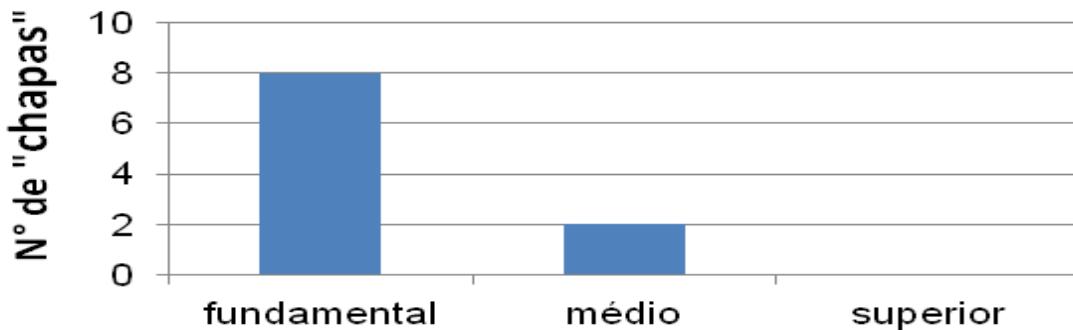


Fonte: Autores, 2014.

No item escolaridade, o objetivo foi identificar qual a relação que pode ser estabelecida entre o grau de escolaridade e o exercício do trabalho no setor informal, como forma de ocupação do tempo e de geração de renda. Foi identificado, que 80% dos trabalhadores completaram apenas o ensino fundamental, tendo assim, poucas oportunidades no mercado de trabalho, partindo para está área, como está apresentado na figura 5.

Figura 5 – Resultado da pesquisa

Escolaridade

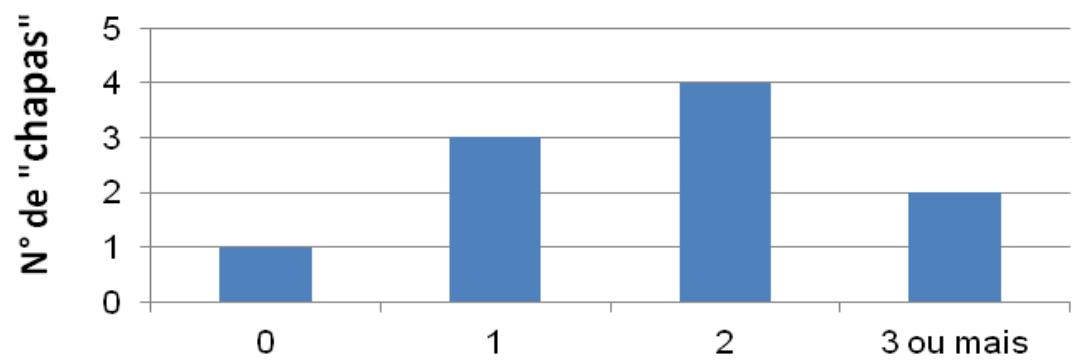


Fonte: Autores, 2014.

Sobre o número de filhos dos trabalhadores informais pesquisados, as respostas em termos percentuais foram as seguintes: nenhum filho 0%, enquanto isso, a segunda opção de respostas nesta questão foi para 1 filho, o que foi respondido positivamente por 30% dos homens. Responderam ter dois filhos cerca de 40%. Para interrogação quanto a possuir mais de 3 filhos, 20% dos homens responderam afirmativamente, conforme se pode ver na figura 6.

Figura 6 – Resultado da pesquisa.

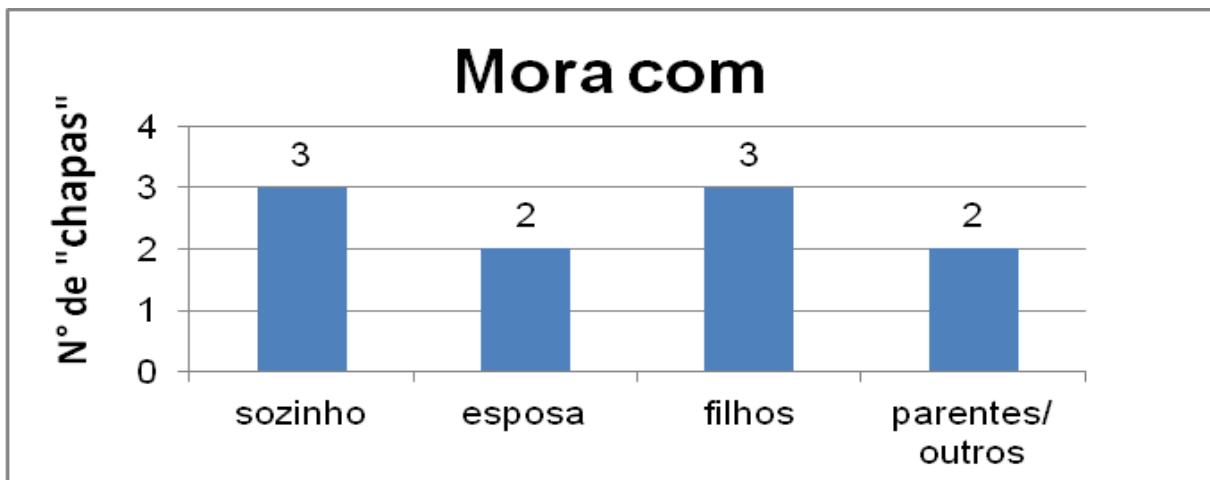
Tem filhos



Fonte: Autores, 2014.

Evidencia-se na figura 7 que, em média 30% dos entrevistados moram sozinhos ou com filhos e 20% com esposa ou parentes.

Figura 7 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

No que diz respeito à quantidade de pessoas que residem junto ao entrevistado, (figura 8), foi apurado que em média, as residências dos pesquisados abrigam algo em torno de três a quatro pessoas.

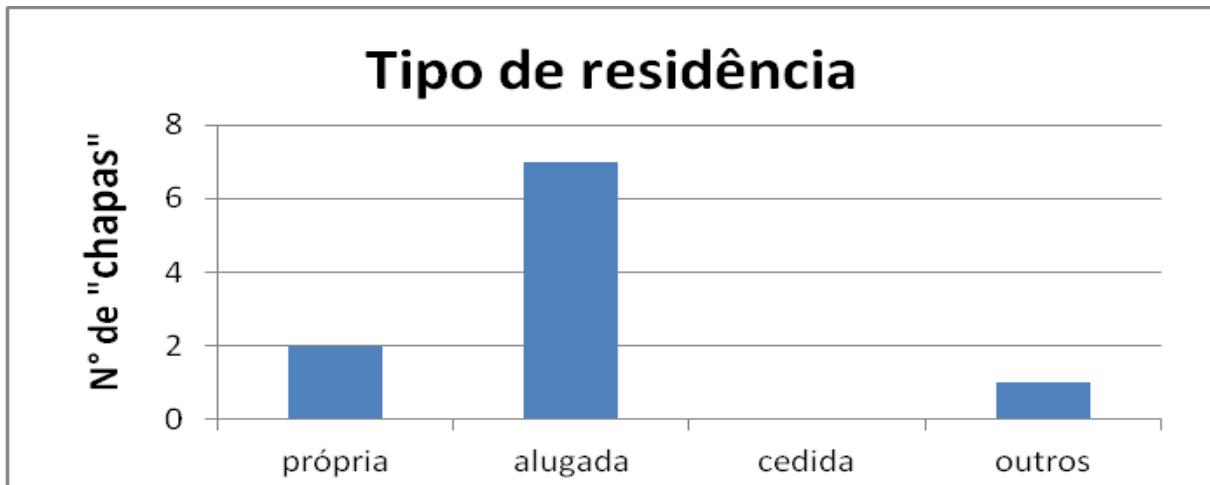
Figura 8 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Sobre o tipo de residência (figura 9), cerca de 70% responderam que moram em casa alugada, e 20% em casa própria, logo, verifica-se que o trabalho informal, para muitos não é uma oportunidade de crescimento e de conquista de sonhos, como exemplo, o sonho da casa própria.

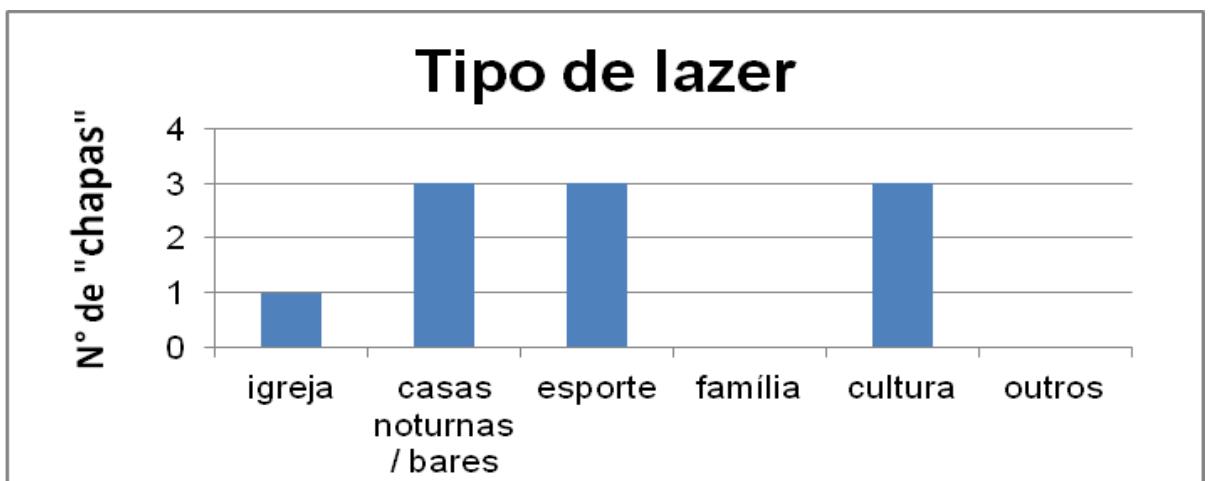
Figura 9 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Os trabalhadores têm como forma de lazer, o acesso à casas noturnas, bares, práticas de esportes, e cultura preponderantes, chegando a 90% dos casos. A igreja figura com 10% da opção de gasto do seu tempo livre do final de semana, como referido na figura 10.

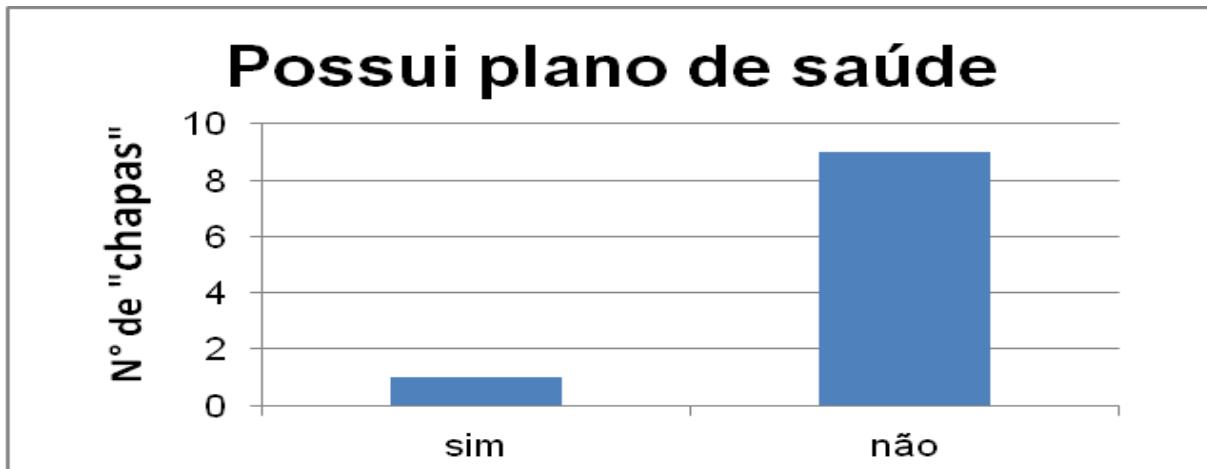
Figura 10 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Na figura 11 ficou evidenciado que 90% dos "chapas" não possui plano de saúde, além disso, não tem costume de ir ao médico, exceto em casos emergenciais, o que é desfavorável para a saúde dos mesmos.

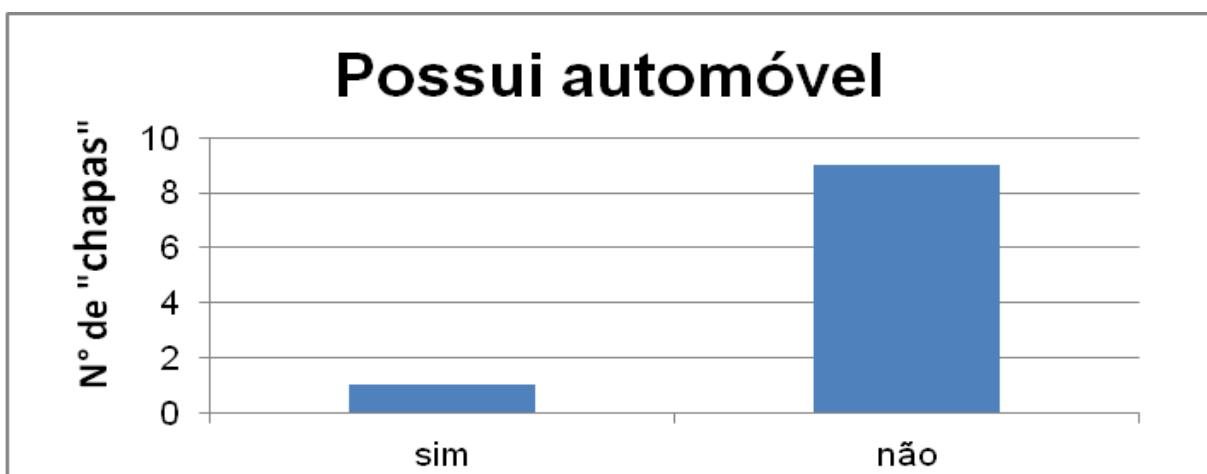
Figura 11 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Como se pode observar na figura 12, apenas 10% dos entrevistados possui automóvel. Isso demonstra que uma pequena parcela consegue ganhar mais, e ao mesmo tempo poupar para investir em seus bens.

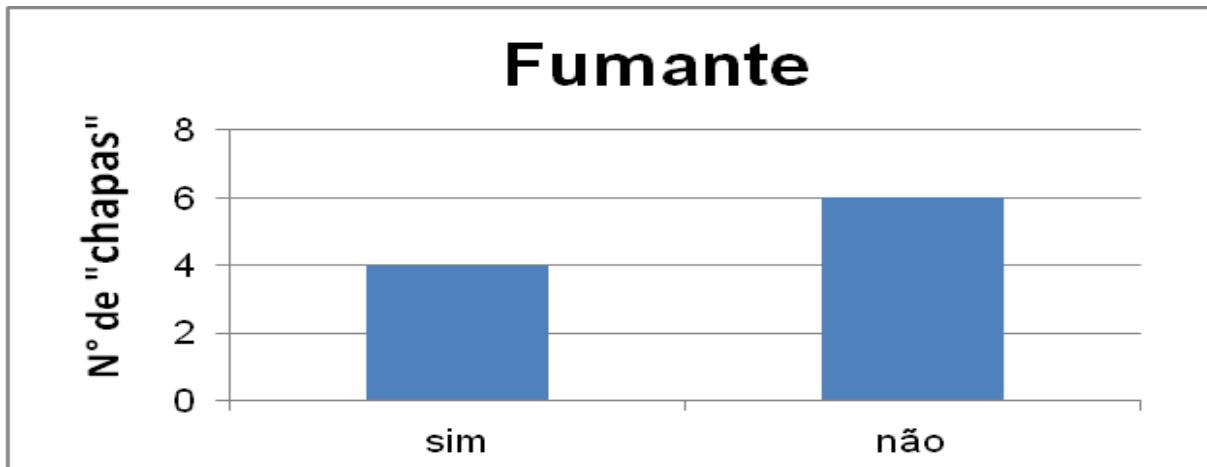
Figura 12 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

A figura 13 demonstra que 60% dos “chapas” não são fumantes ativos, porém 40% fazem uso do cigarro, o que interfere diretamente no trabalho, ou seja, o fôlego para aguentar as atividades referentes à sua “profissão” é bem menor, gerando um custo mensal significativo em sua economia.

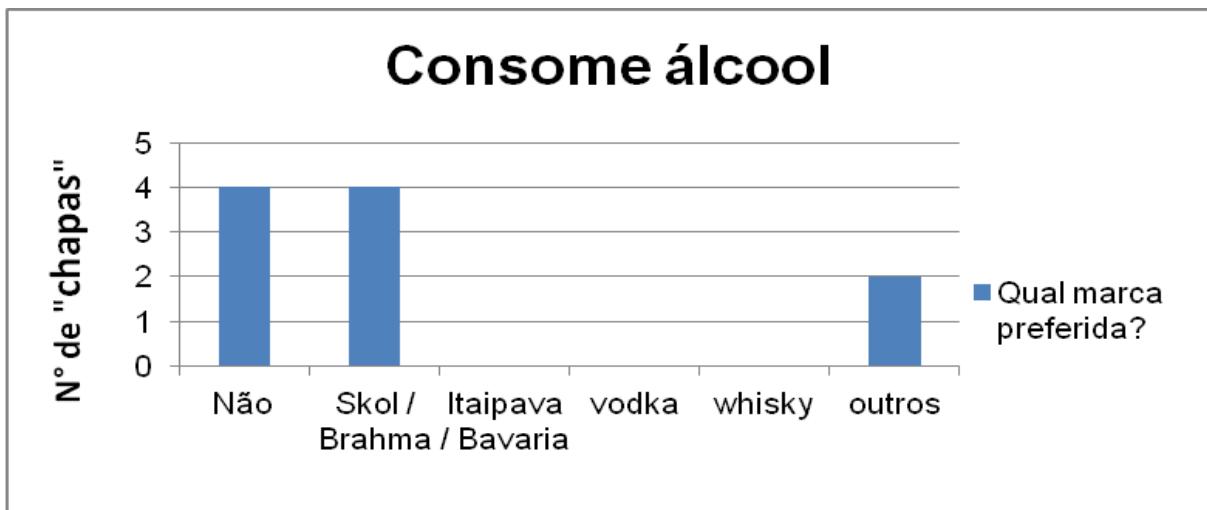
Figura 13 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Cerca 60% dos “chapas” consome álcool, desse total de consumidores 66,66% prefere cerveja, e as marcas preferidas são Skol e Brahma. Os outros 33,33% escolhem a Cachaça. Alguns consomem bebida etílica antes mesmo da labuta diária, o que interfere negativamente na produção e depõe contra a categoria, conforme exposto na figura 14.

Figura 14 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

A maioria dos “chapas” trabalha há mais de 4 anos na área, revelando que apesar de ser uma atividade desconhecida e sem benefícios, eles dão continuidade, seja por falta de opções ou por questões financeiras, conforme explica-se na figura 15.

Figura 15 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Como se observa na figura 16, a pesquisa de campo procurou evidenciar qual a frequência e a carga horária de trabalho dos “chapas”. Foi constatado que 90% trabalham entre 3 a 6 dias por semana. O que representa uma escala flexível, ou seja, os “chapas” conseguem determinar os dias da semana em que trabalham.

Figura 16 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Conforme figura 17, a carga horária é de 5 a 12 horas para 80% dos entrevistados. Isso mostra que na média, eles trabalham 38 horas semanais, o que representa uma carga menor de atividade exercida a de qualquer trabalhador convencional, que é entre 40 a 45 horas semanais.

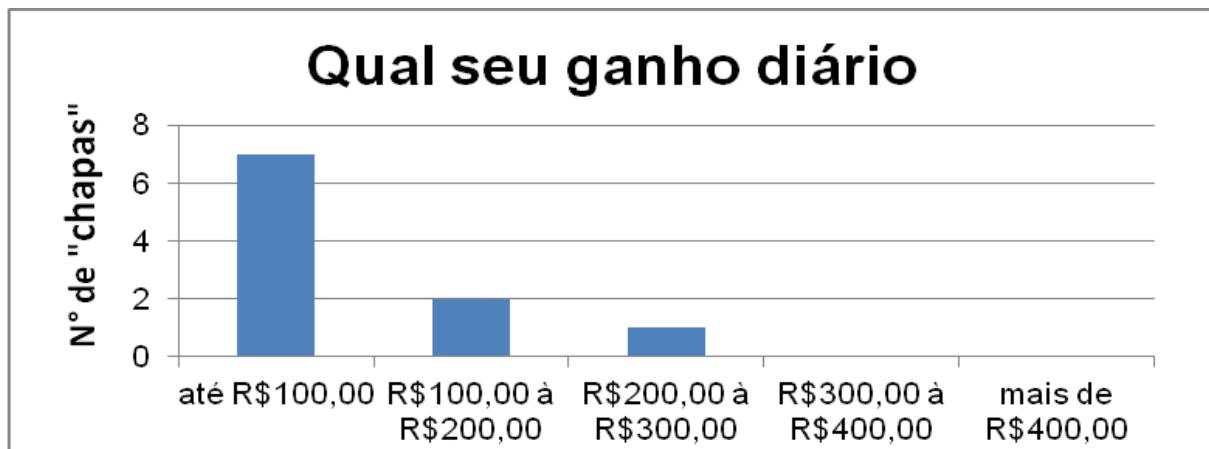
Figura 17 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Os “chapas” possuem um ganho diário de até R\$100,00, entretanto, não conseguem trabalho diariamente, o que deixa de ser uma profissão rentável, como demonstrado na figura 18.

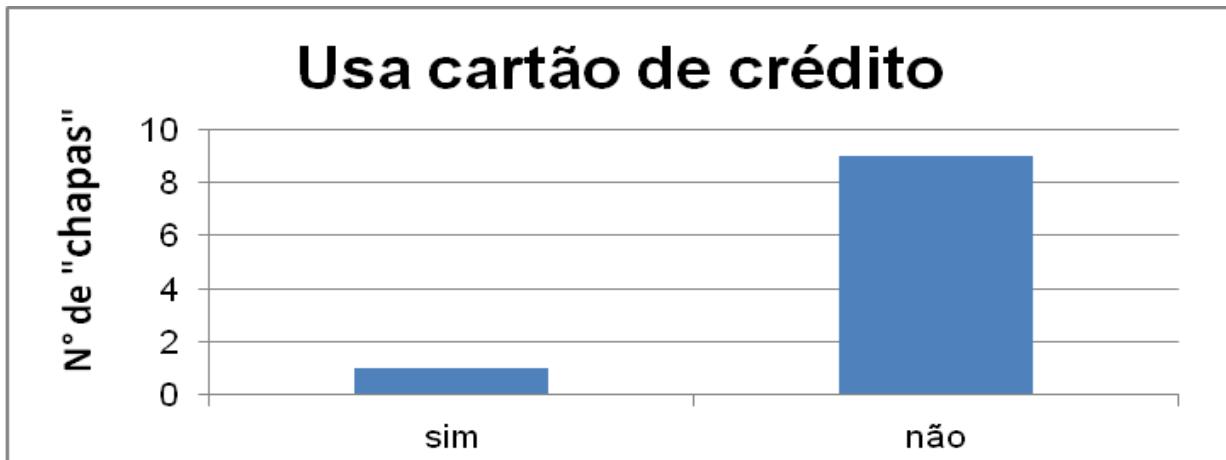
Figura 18 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

De acordo com a figura 19, 85% dos entrevistados não possui conta em banco, consequentemente não utiliza cartão de crédito, seja por restrições no nome ou receio de um possível descontrole financeiro.

Figura 19 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Com o levantamento feito, foi observado que 80% dos entrevistados iniciaram suas atividades antes dos 14 anos de idade, isso influenciou na evasão escolar devido à carga horária do labor, conforme explícito na figura 20.

Figura 20 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Na figura 21 evidencia-se cerca de 90% dos entrevistados, não recolhe previdência social, ficando a margem de quaisquer benefícios e segurança, ou de uma futura aposentadoria.

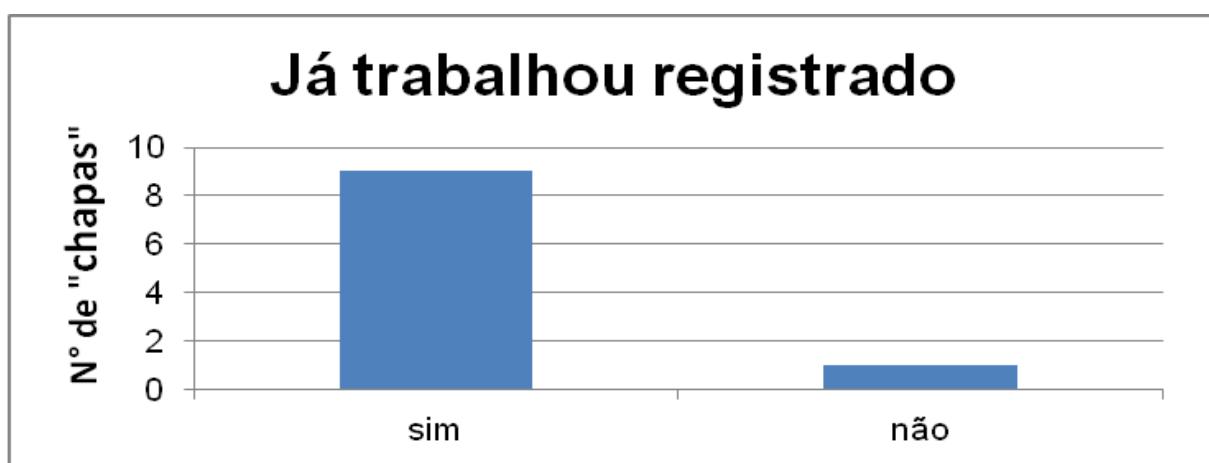
Figura 21 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Foi constatado conforme apresentados na figura 22 que, 90% dos entrevistados já trabalharam no regime CLT. Porém, atualmente estão trabalhando como “chapa”, exercendo suas atividades, sem seguro e sem benefícios.

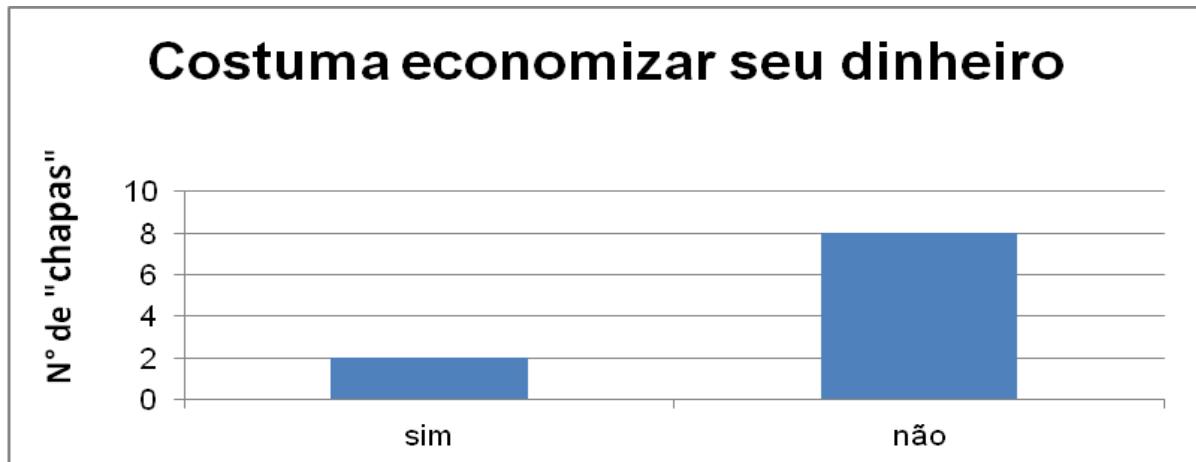
Figura 22 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

No quesito econômico, foi observado (figura 23) que, 80% dos abordados não economizam dinheiro, seja esse costume cultural ou por não possuírem sobras, não pensando uma reserva futura.

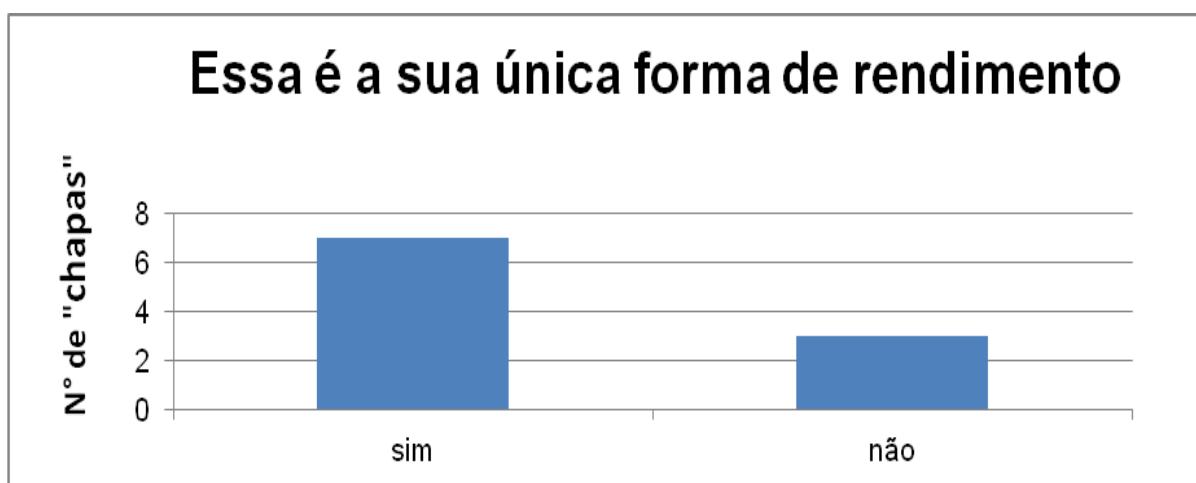
Figura 23 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Foi constatado que o trabalho como “CHAPA” é a única fonte de renda em 70% dos entrevistados. Alguns trabalham para somar com a renda de aposentadoria, que não é suficiente para suprir todas as necessidades, conforme está na figura 24.

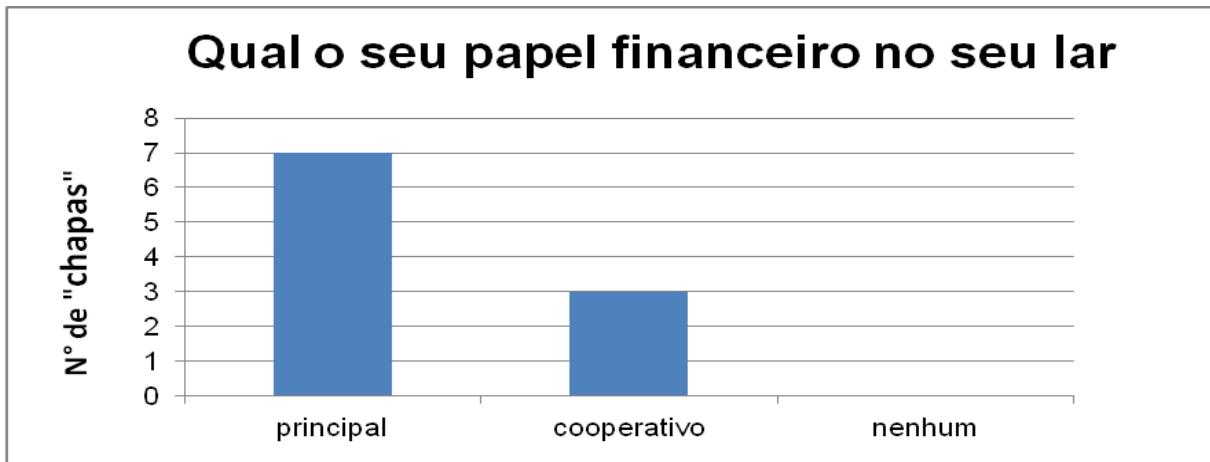
Figura 24 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

O estudo procurou identificar os principais mantenedores do lar. Foi constatado que 70% se encontram como o principal no papel financeiro, sendo isso, um dos principais motivos que os levaram a essa área, tendo como meta o sustento de sua família, como apresentado na figura 25.

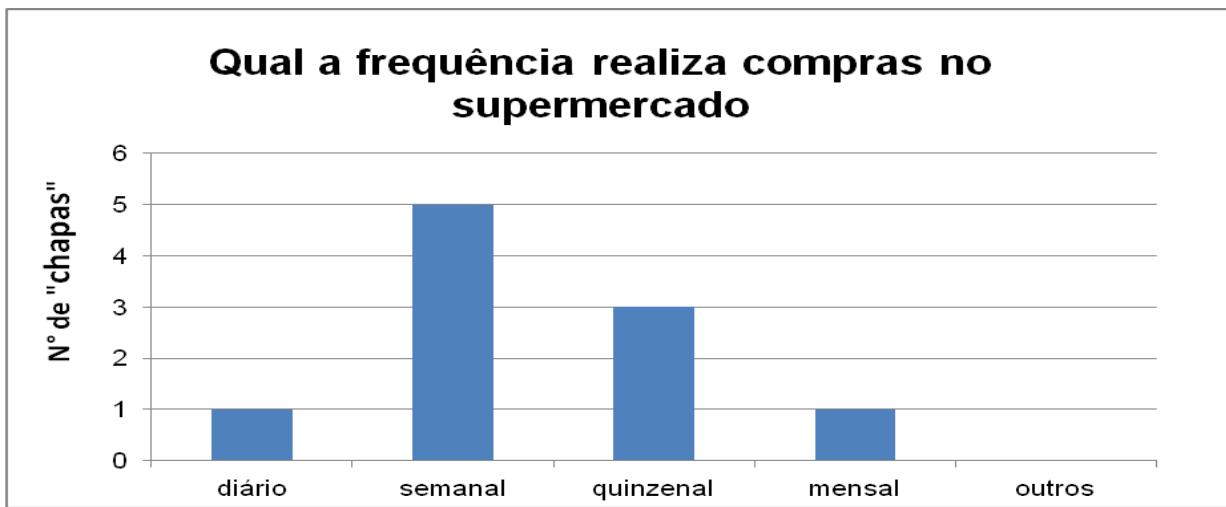
Figura 25 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

Em relação ao sistema utilizado para o abastecimento da dispensa domiciliar, foi constatado que 50% dos entrevistados costumam realizar suas compras semanalmente, para que possam suprir de imediato as suas necessidades básicas e 30% o fazem a cada quinzena, conforme está ilustrado na figura 26.

Figura 26 – Resultado da pesquisa.



Fonte: Autores, 2014.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo teve como objetivo principal, identificar o perfil econômico dos trabalhadores informais que atuam na Rodovia Presidente Dutra entre as cidades de São José dos Campos, Jacareí e Caçapava, assim como, evidenciar quais foram os motivos que levaram estes indivíduos a buscarem como alternativa de sobrevivência um trabalhado informal, como eles se veem na situação no qual se encontram, além de analisar o ambiente onde atuam.

Os “chapas” se configuram como elementos importantes no cenário logístico do território pesquisado, porém são remunerados de forma desigual dependendo da localização geográfica, visto que existem locais em que recebem mais do que o dobro pelo mesmo serviço prestado, decorrente da concorrência, localização, poder aquisitivo da cidade, onde há inclusive alguns casos onde os valores dos serviços são fixados em prol da categoria.

Hoje em dia, está cada vez mais difícil imaginar o sistema logístico no país sem a mão-de-obra dos “chapas”, pois facilitam na agilidade das cargas e descargas, como também nas informações prestadas aos caminhoneiros, assim realizando serviços de pouca atratividade. É uma profissão considerada perigosa e sem estima, mas ainda atrai pessoas para este mercado, que não exige qualificação, e sem vínculo empregatício, apenas esforço físico e conhecimento conquistado pela categoria, onde se torna uma opção aos olhos de quem está fora do mercado formal.

Aos analisar a pesquisa, observa-se que nas cidades exploradas 90% dos “chapas” ingere bebidas etílicas diariamente, o que contribui com o preconceito exercido pela sociedade, que não comprehende a realidade econômica e laboral desses trabalhadores, e acaba por discriminá-los.

Sem carteira assinada ou salários fixos, os “chapas” contribuem ativamente no sistema econômico e logístico da região, porém, são desconhecidos, por não constarem na legislação trabalhista. Não possuem força sindical ou política, enfrentando várias barreiras impostas pelas exigências de mercado.

São trabalhadores que vivem à margem da sociedade, sem direitos trabalhistas, sem profissão regulamentada ou qualquer tipo de fiscalização, além disso, devido a sua situação financeira, não realizam contribuição previdenciária, assim, não sendo resguardados por um futuro seguro.

Conclui-se que esta mão-de-obra denominada “CHAPA”, possui influência nos setores econômico e logístico, aumentando a economia e acelerando as entregas de mercadorias, mas ainda sofre a marginalidade da sociedade, pelo menos até que seja reconhecida e protegida pela legislação trabalhista no Brasil. São homens “esquecidos”, sendo para a governança, “invisíveis”, que precisam ter seu trabalho assegurado pelas leis trabalhistas, para que possam participar ainda mais da economia do país, estando enquadrados na base da pirâmide.

7 REFERÊNCIAS

CACCIAMALI, M. C. **Globalização e Processo de Informalidade**. In: Economia e Sociedade, Campinas, Unicamp, Instituto de Economia, n. 14, jun. 2000.

A Precarização do trabalho e da vida dos novos trabalhadores informais: o trabalho flexível nas ruas de Salvador.

Disponível em: <<http://www.flexibilizacao.ufba.br/MonografiaTheo.pdf>>

Acesso em: 06 de Novembro de 2014.

HIRATA, Guilherme Issamu e MACHADO; Ana Flavia, **Conceito de informalidade/formalidade e uma proposta de tipologia**, Rio de Janeiro: IPEA, 2007, n.34.

Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/boletim_mercado_de_trabalho/mt34/04Nota2.pdf>

Acesso em: 20 de Agosto 2014.

KOTLER, P. KARTAJAYA, H. SETIAWAN, I. **Marketing 3.0: as forças que estão definindo o novo marketing centrado no ser humano.** 1^a ed. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

KOTLER, P. **Princípios de Marketing.** 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

KOWARICK, L. **Capitalismo e marginalidade na América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

Disponível em:

<http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/8/TDE-2007-11-06T08:01:14Z-4285/Publico/Sirlei%20Pires%20Terra.pdf>

Acesso em: 06 de Novembro de 2014.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada.** 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARX, K. **O Capital** (Livro I e Livro II, Tomo I) São Paulo: Abril Cultural, 1998.

MCDANIEL, C.; GATES, R. **Pesquisa de Marketing.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

MEZGRAVIS, P. **Os “Chapas”; Uma Categoria de Trabalho Volante no Contexto do Transporte Rodoviário de Cargas. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. “Por uma Geografia Latino-Americana: do labirinto da solidão ao espaço da solidariedade”.** São Paulo: Departamento de Geografia/FFCH/USP, 2005.

ORGANIZAÇÃO Internacional do Trabalho (OIT): **Homens e mulheres na economia informal: Um retrato estatístico** (Genebra, OIT-WEIGO, 2002 e 2012).

-----, OIT: **O trabalho digno e a economia informal.** Conferência Internacional do Trabalho, 90^a sessão (Genebra, 2005).

OLIVEIRA, FRANCISCO; STÉDILE, JOÃO P; GENOÍNO, JOSÉ. **Classes sociais em mudança e luta pelo socialismo.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. (Seminário Socialismo em discussão).

PIEPOLI, S. F. “**Impactos sociofamiliares do desenvolvimento de mulheres em negócios informais: apontamentos sobre a situação em Maputo**”, Economia dos PALOP, Mosca, João, zanzala, Julien (coord). Instituto Piaget: Lisboa, pp. 69-86, 2006.

PINHEIRO, R. M.: **Comportamento do consumidor e pesquisa de mercado.** Rio de Janeiro. 3^a ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

PRAHALAD, C. K. **A Riqueza na Base da Pirâmide: Como Erradicar a Pobreza com o Lucro.** Porto Alegre: Bookman, 2005.

RODRIGUES, I. BARBIERI. J. C. A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável. **Revista de Administração Pública.** vol.42 no. 6 Rio de Janeiro Nov./Dec. 2008.

SOARES, L. T. R. **Ajuste neoliberal e desajuste social na América Latina.** Petrópolis: Vozes, 2001.

ANEXOS























